

## NOTA EDITORIAL

O número do outono de 2019 da **Revista Filosófica de Coimbra** volta a constituir-se como lugar de um colóquio alargado pretendendo reunir, no espaço comum do horizonte filosófico, múltiplas abordagens, distintos contextos disciplinares e várias épocas de estudo. Assim, nestas páginas pode o leitor competente e interessado atravessar paisagens do pensamento medieval, regressar ao contexto do humanismo florentino do séc. XV, ou percorrer sugestivos caminhos da reflexão filosófica contemporânea.

Seguindo o já costumeiro critério de organização dos artigos por ordem alfabética do primeiro nome do respetivo autor, abre a secção de *Artigos* do presente número um trabalho de Cláudio Alexandre S. Carvalho dedicado ao “tratamento da melancolia em Ficino”. Competente investigador de história dos conceitos, Cláudio Carvalho medita nesta ocasião sobre o contributo do filósofo florentino não apenas para a compreensão e conceptualização da melancolia, mas também para a constituição de um *medium* terapêutico diferenciado, capaz de contribuir para as teorias e práticas médico-filosóficas relativas à constituição melancólica. Segue-se um artigo de Edna Nascimento intitulado “Willard van Omar Quine e a Naturalização da Epistemologia: aproximações com o legado de Dewey”. Como o próprio título indica, trata-se de um trabalho que intenta analisar alguns pontos de contacto entre os projetos filosóficos de Quine e Dewey, nomeadamente aqueles que se vislumbram à luz das respetivas concepções de conhecimento. O terceiro trabalho acolhido na secção de *Artigos* tem por título “Uriel da Costa (1582?-1640), o itinerário intelectual de um marrano português (Porto-Hamburgo-Amsterdão)”. O autor é Emanuele Landi, reputado especialista da Universidade de Macerata (Itália) que nos propõe nesta ocasião uma estimulante investigação sobre a categoria historiográfica de “marrano”, dialogando com duas importantes interpretações: a de Israel Salvator Révah e a de António José Saraiva. O texto em apreço representa um contributo relevante para a História da Filosofia em Portugal, contributo que se forja igualmente na atenção à descoberta do *Exame das tradições phariseas* (1990) e consequente necessidade de renovar a própria história do percurso intelectual do autor em estudo. Do elenco de artigos publicados neste número faz ainda parte “Ecletismo e Historiografia – Uma Abordagem Retórica” de Henrique Jales Ribeiro. O autor, reputado

especialista da área de estudos de lógica e argumentação, com ampla obra publicada, dispensa apresentações junto dos nossos leitores. Aqueles que, de entre estes, se interessam pelas temáticas e problemas da referida área de estudos encontrarão aqui mais um texto incontornável, desta volta dedicado a uma investigação do papel que o ecletismo pode desempenhar na história da filosofia e respetivas historiografias especializadas. A tese, sugestiva, que se defenderá será a de que a originalidade e interesse do ecletismo podem ser bem medidos por uma abordagem retórica da filosofia. O quinto artigo que se publica neste número, da autoria de Mário Santiago de Carvalho, volta a situar-nos no horizonte da filosofia medieval. Trata-se de “How Could Aristotle Have Read the *Spiritual Exercises*? Francisco de Toledo, Francisco Suárez and Manuel de Góis on Aristotle’s ‘De Anima’ II 7-12”. Também Mário Santiago de Carvalho é autor bem conhecido dos leitores da nossa Revista. Nome cimeiro dos estudos medievais, especialista conhecido e reconhecido internacionalmente, Mário Santiago de Carvalho – que também como Diretor da **Revista Filosófica de Coimbra** deixou marca indelével – publica nestas páginas mais um trabalho de raro vigor e interesse. O seu ponto de partida, tão interessante quanto provocador, é a seguinte questão hipotética, absolutamente inédita na sua formulação e escopo: como é que três eminentes Jesuítas comentadores de Aristóteles (no caso Francisco de Toledo, Manuel de Góis e Francisco Suárez) poderiam ler o método concebido por Inácio de Loyola nos *Exercícios Espirituais*, denominado “aplicação dos sentidos” externos? Como se anuncia logo no *resumo* do artigo, a resposta seguirá três etapas complexas que percorrerão, partindo da doutrina dos sentidos, uma passagem da ontologia para a semiótica, uma passagem da psicologia para a cosmologia e uma ligação entre imaginação e espiritualidade mundana ou “incarnada”. O sexto e derradeiro artigo do presente número é da autoria de Nicholas Cotton, da Universidade de Montréal, e tem por título “Derrida à *La Lettre: Éthique et Politique* du ‘performatif’ dans *La Carte Postale* et au-delà”. Para além da inquestionável qualidade do estudo, este artigo é bom pretexto para duas pequenas notas. A primeira, para referir que este trabalho se acorda coerentemente com o trabalho que, sobre o horizonte da desconstrução, reconhecidamente se vem desenvolvendo na secção de filosofia da Universidade de Coimbra; a segunda, para sublinhar o carácter não apenas internacional (acolhem-se nestas páginas textos de autores portugueses, brasileiros, canadianos, italianos) mas igualmente multilinguístico de mais este número da **Revista Filosófica de Coimbra**, que assim continua a pugnar pelo espaço de todas as línguas em que a filosofia de desenvolve e fortalece.

Não está ainda tudo dito sobre este número, no qual volta a ser aberta a secção dedicada a trabalhos filosóficos de tradução. Em *Traduzindo* encontrarão os nossos leitores a tradução, empreendida por Rodrigo Barros Gewehr e Fernando Monegalha, que também assinam a introdução e o amplo aparato técnico de notas e referências, de *O problema da Personalidade* de Henri Bergson. O título refere-se às conferências de Henri Bergson na Universidade de Edimburgo, no quadro das

famosas *Gifford Lectures* de 1914. Este trabalho recebeu ainda um suplemento de rigor e minúcia dados pela competente revisão científica empreendida por Diogo Ferrer.

Uma palavra final deve ser registada para saudar a riqueza, variedade e interesse do conjunto de recensões que, uma vez mais em número assinável, agora se publicam. Deixando à curiosidade do leitor a procura dos autores e obras recenseadas, apenas se dirá que também esta secção irá merecer, certamente, toda a atenção.

Como sempre acontece no segundo número de mais um volume da nossa Revista, poderão ainda encontrar-se nestas páginas os índices do volume 28 que agora se encerra.

*Luís António Umbelino*  
Diretor

